

galeriadearte



Magneto de parede do século XX



Mesa operadora



Videofone



Orelhão DDD

Do telégrafo ótico à videochamada

Aparelhos raros, fotos e documentos históricos testemunham a evolução das telecomunicações

É 1960. Exatamente um século depois de o italiano Antonio Meucci ter inventado o telefone (mais tarde patenteado pelo escocês Alexander Graham Bell), o ato de telefonar continuava sendo um "acontecimento" – muitas vezes alardeado aos quatro ventos – em qualquer pequena cidade do interior do Brasil. Na caminhada até o posto telefônico local, o privilegiado usuário raramente escapava da curiosidade – ou mesmo da admiração – dos moradores da vizinhança.

Quinze anos depois, a situação era um pouco melhor, mas só um pouco. Bem aqui no Lago Norte, moradores pioneiros aguardavam ansiosos que os cabos telefônicos da Cotelb, antecessora da Telebrasil, Brasil Telecom e Oi, chegassem ao bairro, distante apenas dez quilômetros do centro da cidade (e olha que muito an-

tes disso o homem já tinha ido à Lua). Sabe lá o que é pagar milhares de dólares por uma simples linha telefônica? Pois era assim na década de 70, o que fazia do comércio de linhas telefônicas uma atividade altamente lucrativa.

Não é difícil imaginar com que velocidade as telecomunicações brasileiras precisaram evoluir a partir daí – principalmente após as privatizações, na década de 90 – para tirar um atraso de mais de cem anos. É o que poderão ver, até 4 de outubro, os visitantes da exposição *Tão longe, tão perto*, que a Fundação Telefônica vai apresentar no Museu da República. "Será uma oportunidade de conhecer um pouco mais da história das telecomunicações no país e refletir sobre a evolução tecnológica nessa área", diz o presidente do grupo Telefônica, Antonio Carlos Valente.



Telefone de campanha militar (1920)

Fotos: Luigi Stawale

Do rudimentar telégrafo óptico, inventado em 1794, na França, à revolucionária videochamada, hoje em fase de implantação, a história das telecomunicações abrange um período de 215 anos. Na exposição, com curadoria do físico Peter Schulz, professor da Unicamp, mais de cem peças – velhos aparelhos, centrais telefônicas, as primeiras listas, fotos de época e documentos históricos – serão exibidas, ajudando a compor um painel da evolução da telefonia e das diferentes formas de comunicação.

Entre os aparelhos, o célebre “Ericsson de parede”, de 1884 (um dos primeiros a chegar ao Brasil), o “Pé de Ferro”, de 1892 (pioneiro por unir receptor e transmissor numa só peça), o “Tambor”, da década de 1940 (que tem como diferencial, como indica seu nome, um tambor no lugar do disco ou das teclas), e o “JK Ericofon”, de 1954 (com *design* revolucionário, ganhou as iniciais do fundador de Brasília).

Que tal conhecer um fax utilizado em 1950, um videofone da década de 70, um dos primeiros modelos de celular, dos anos 90, e a central automática Strowger, conhecida como “Velha senhora”, de 1928, ainda em funcionamento? Tudo isso estará exposto no Museu da República até 4 de outubro, ao lado de antigos orlhões de ficha, de exemplares da revista *Sino Azul*, pioneira publicação da extinta Companhia Telefônica Brasileira (CTB) que circulou de 1928 a 1989, e da primeira lista telefônica de Brasília.

Videos, áudios e documentos vão mostrar como o telefone influenciou e marcou presença no cinema, na TV, na música e na literatura. No *Espaço Brincar*, que pretende familiarizar o público infanto-juvenil com a temática da exposição, educadores vão coordenar brincadeiras e oficinas que destacam princípios da comunicação, como o telefone sem fio, o correio elegante, a mímica e uma central telefônica construída a partir de tubos coloridos. O desafio é fazer as novas gerações entenderem como era possível viver de forma tão “primitiva”, sem o celular e a internet.

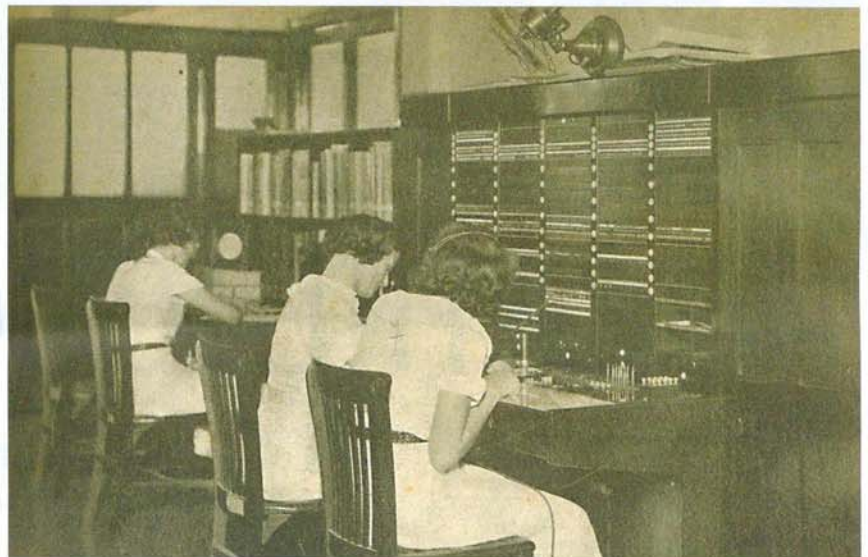
Tão longe, tão perto

De 20/8 a 4/10, de terça a domingo, das 9h às 18h30, no Museu Nacional da República. Mais informações: 3325.5220, 3325.6410 ou www.taolongetaoaperto.org.br. Visitas orientadas: 3349.8124. Entrada franca, com acesso e atendimento a portadores de necessidades especiais.

A expansão da rede da antiga Companhia Telefônica Brasileira se deu nas mais precárias condições. Abaixo, um posto telefônico da primeira metade do século passado.



Foto: Divulgação



Os celulares dos anos 90 são peças de museu em comparação com os de hoje, que exercem múltiplas funções – entre elas o acesso à internet, a edição de textos, a produção de fotos e filmes e a videochamada